

Sobre a complexa “arte de prender maridos”: a construção da “verdadeira mulher” nas páginas da revista *Fon-Fon* (1907-1914)

Fabiana Francisca Macena

Resumo

O artigo tem como objeto de estudo a construção do feminino na cidade do Rio de Janeiro no contexto da *Belle Époque* (1907-1914), nas páginas da revista *Fon-Fon*. Trata-se de publicação do início do século XX, reconhecida como semanário sintonizado com os novos tempos da modernidade carioca.

Palavras-chave

Fon-Fon, feminino, gênero

Abstract

The article aimed to analyze how representations of feminine were built in the context of *Belle Époque* (1907-1914), in the city of Rio de Janeiro, according to *Fon-Fon*. It is a weekly magazine, published in the beginning of the 20th century and recognized as a way to be updated on the Rio de Janeiro's society.

Key Words

Fon-Fon, feminine, gender

Mestre em História Social pela Universidade de Brasília (UnB).
Atua como professora do Instituto de Educação e Ensino Superior de Samambaia (IESA).

Recebido em 30/06/2010. Aprovado em 30/09/2010

¹ LUCA, Tânia Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla B. (org.). *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, 2004. p.137.

Com o advento do regime republicano em 1889, fica evidente o esforço das elites políticas em inserir o país nos quadros da modernidade a partir do padrão europeu de civilização e progresso. Além da ênfase dada à reconfiguração da fisionomia das cidades, com destaque para a remodelação do Rio de Janeiro, capital da República, hábitos, costumes e comportamentos também deveriam ser condizentes com o momento vivenciado e significado como novo, moderno.

Nesse sentido, os comportamentos ditos "femininos" receberam atenção privilegiada, sendo vigiados e controlados pelos diversos setores da sociedade, sobremaneira, pela imprensa. Esta se modificou, acompanhando as mudanças ocasionadas pelas novas tecnologias e pelos novos gostos de seu público leitor e também atuou modificando comportamentos e leituras do mundo. Como afirma Tânia Regina de Luca, a imprensa ocupou uma posição privilegiada naquele contexto da chegada do século XX que

parecia anunciar mais que uma simples mudança no calendário, tratava-se de adentrar um novo tempo, que deixava para trás o passado monárquico e escravista. (...). Velocidade, mobilidade, eficiência e pressa tornaram-se marca distintivas do modo de vida urbano e a imprensa, lugar privilegiado da informação e sua difusão, tomou parte ativa nesse processo de aceleração. ¹

Os jornais, que até então eram quase inteiramente literários, sofreram alterações no modo de serem apresentados aos leitores, criando as condições, já nas primeiras décadas do século XX, para o surgimento de um número cada vez maior de revistas ilustradas, nas quais iriam se abrigar boa parte dos literatos que também trabalhavam naquele tipo de mídia impressa. Segundo Brito Broca, estas revistas devem ser distinguidas entre as "essencialmente literárias" e aquelas que se dedicavam a assuntos diversos, ou o que poderia ser chamado de "revistas mundanas", mas que ainda concediam espaço para a literatura. Segundo ele, este tipo de publicação já

existia no final do século XIX.² Contudo, é no início do século XX que aquelas ganharam maior visibilidade, articulando caricatura, reportagem e fotografia, sendo uma das suas precursoras a *Revista da Semana*, criada em 1901.

Após essa data, várias publicações são lançadas, destacando-se em “oferecer, em primeira mão, as últimas novidades em matéria de modas femininas e infantis”, de acordo com a referência em moda e elegância no período: Paris.³ Ainda de acordo com Brito Broca, este tipo de publicação fazia do mundanismo e “também da nota humorística, dos *potins*, intercalados entre duas fotografias de casamento ou piquenique, um de seus principais instrumentos de sucesso”.⁴ Sendo assim, estes periódicos eram produtos refinados, feitos para agradar, divertir seus leitores e “revelar a moda do dia, as regras do bom gosto e bem viver”; ou seja, tudo aquilo que estivesse em consonância com o que se entendia por civilizado e moderno, com o que se passava nas principais capitais do ocidente europeu.⁵ Como nos lembra Mônica Pimenta Veloso, tais revistas “realizam esse movimento decodificador de culturas, atraindo, com as suas tiradas de humor e picardia, tanto os leitores das classes médias como os das camadas populares, letrados e iletrados”.⁶

A revista *Fon-Fon* é um desses veículos. Criada em 1907 por Mário Pederneiras, Gonzaga Duque e Lima Campos, a *Fon-Fon* era uma publicação carioca que circulou até 1958, sempre aos sábados e encarregava-se de informar aos leitores brasileiros tudo que era a última moda em Paris, além de registrar a “vida mundana” da sociedade carioca em notas sociais e charges.⁷ Além do destaque concedido ao humor, a publicação, assim como outras revistas, investiu na criação de novas seções, como aquelas dedicadas ao público feminino, ou as especializadas em esportes, assuntos policiais, lazer ou crítica literária. Tal preocupação traduz os cuidados em conquistar um público leitor em crescimento e cada vez mais diversificado,⁸ incluindo as mulheres, a outra metade da sociedade carioca até então pouco considerada pelo discurso da imprensa.

² BROCA, Brito. *A vida literária no Brasil – 1900*. 4ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio: Academia Brasileira de Letras, 2004. p.297-298.

³ Id., Ibid., p.298.

⁴ Id., Ibid., p.302.

⁵ LUCA, Tânia Regina de. *A Revista do Brasil: um diagnóstico para a (N)ação*. São Paulo: Editora da UNESP, 1999, p.58.

⁶ VELLOSO, Mônica Pimenta. As modernas sensibilidades brasileiras. *Nuevo Mundo Mundos Nuevos* [Em línea], Debates, 2006, Puesto en línea el 28 janvier 2006. Disponível em:

U R L : h t t p : / / nuevomundo.revues.org/index1500.html. Acesso em junho de 2010.

⁷ ZANON, Maria Cecilia. *Fon-Fon!* - Um registro da vida mundana do Rio de Janeiro na *belle époque*. *Patrimônio e Memória*. U N E S P - F C L A s - CEDAP, v.1, n.2. 2005, p.03.

⁸ LUCA, Tania Regina de. *A Revista do Brasil*. op.cit., p.35.

⁹ SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação e Realidade*, Porto Alegre, v. 16, n. 2, p. 5-22, jul./dez., 1990, p.07.

¹⁰ Id., *Ibid.*, p.13.

¹¹ BUTLER, Judith. *Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade*. 2^aed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008, p.25.

É visível nessa reorientação o propósito em formar/configurar um público feminino, em criar necessidades, em ampliar o consumo de artigos destinados às mulheres, com a oferta de temas/assuntos considerados próprios desse sexo: moda, etiqueta, maternagem, fofocas, conselhos médicos, produtos, enfim, uma leitura considerada própria do feminino, fácil e agradável. Não há como deixar de reconhecer que, em sua função pedagógica, a *Fon-Fon* ensina a interpretar as imagens e representações sociais da modernidade e de gênero, orientadoras de comportamentos distintos segundo o sexo, ao reafirmar a lógica da partilha binária, da divisão do mundo em masculino/feminino e a significação do masculino como superior ao feminino.

No uso do gênero, trata-se de investigar, como definiu Joan Scott, "as relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos (...) e as relações de poder" estabelecidas a partir desta distinção.⁹ Enfim, evidenciar que estas distinções são construções datadas, que possuem sua historicidade. Nesse sentido, é importante pensar tal categoria de análise deslocando a ênfase da oposição entre homens e mulheres, ou seja, a dicotomia ou polaridade entre masculino e feminino. Pelo contrário, Scott evidencia que o termo serve "como meio de falar de relações sociais", das relações de poder entre os indivíduos,¹⁰ advertência que evitaria o uso do gênero como sinônimo de mulheres ou por oposição ao sexo.

Como ressaltado por Judith Butler, não se trata de pensar sexo e gênero como opostos e nem como corpos *a priori*, naturais, mas pensá-los também como construções discursivas, culturais. Deste modo, partilhando das reflexões desta autora,

O gênero não deve ser meramente concebido como a inscrição cultural de significado num sexo previamente dado (uma concepção jurídica); tem de designar também o aparato mesmo de produção mediante o qual os próprios sexos são estabelecidos. Resulta daí que o gênero não está para a cultura como o sexo para a natureza; ele também é o meio discursivo/cultural pelo qual "a natureza sexuada" ou um "sexo natural" é produzido e estabelecido como "pré-discursivo", anterior à cultura, uma superfície politicamente neutra *sobre a qual* age a cultura.¹¹

Sob tal perspectiva, é possível questionar não somente os papéis sociais, a hierarquia pautada na distinção masculino/feminino, mas a própria construção dos corpos em masculino/feminino, de modo binário, ou seja, “a importância dada ao sexo, ao aparelho genital, na positividade e divisão da sociedade é ela mesma uma criação histórica e social”.¹² Como se vê, Butler propõe pensar o gênero e o sexo não como termos opostos, mas como inscrições sociais indissociáveis, como efeitos discursivos, evidenciando como “certas configurações culturais do gênero assumem o lugar do ‘real’ e consolidam e incrementam sua hegemonia por meio de uma autonaturalização apta e bem sucedida”.¹³

Desta forma, podemos pensar a revista *Fon-Fon* como uma tecnologia, cuja função pedagógica é a de ensinar a interpretar as imagens e representações sociais, dentre elas, as que se referem aos papéis de gênero. Ela funcionaria como uma complexa tecnologia social do gênero, tal como proposto por Teresa de Lauretis. Ao construir o conceito de “tecnologia de gênero”, a autora, a partir de um diálogo com a obra de Michel Foucault, evidencia que

pode-se começar a pensar o gênero a partir de uma visão teórica foucaultiana, que vê a sexualidade como uma “tecnologia social”; desta forma, propor-se ia que também o gênero, como representação e auto-representação, é produto de diferentes tecnologias sociais, como o cinema por exemplo, e de discursos, epistemologias e práticas críticas institucionalizadas, bem como das práticas da vida cotidiana. Poderíamos dizer que, assim como a sexualidade, o gênero não é uma propriedade de corpos nem algo existente a priori nos seres humanos, mas, nas palavras de Foucault, “o conjunto de efeitos produzidos em corpos, comportamentos e relações sociais”, por meio do desdobramento de “uma complexa tecnologia política”.¹⁴

Com isso, Lauretis salienta a construção de sujeitos gendrados “por meio de códigos lingüísticos e representações culturais”.¹⁵ A partir dessas considerações, podemos pensar a imprensa, e nesse caso

¹² SWAIN, Tânia Navarro. Feminismo e representações sociais: a invenção das mulheres nas revistas “femininas”. *História: Questões e Debates*. Curitiba: Editora da UFPR. n.34, 2001. p.17-18.

¹³ BUTLER, Judith. *op.cit.*, p.58.

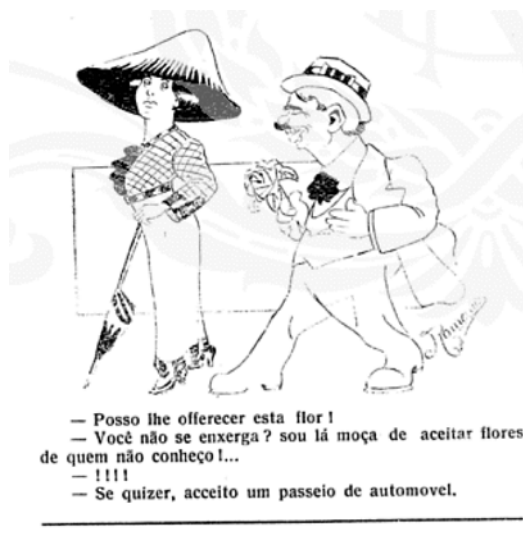
¹⁴ LAURETIS, Teresa de. A tecnologia de gênero. In: HOLANDA, Heloísa B. de (Org.). *Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 2004, p.208.

¹⁵ Id., *Ibid.*, p.208.

¹⁶ Id., Ibid., p.212.

específico, a *Fon-Fon* como “tecnologia de gênero”, uma vez que a revista, ao construir e veicular representações de gênero, produz efeitos de gênero. Como tecnologia social, ela opera produzindo/reproduzindo gênero, ao atribuir “significado (identidade, valor, prestígio, posição de parentesco, status dentro da hierarquia social etc.) a indivíduos dentro da sociedade”.¹⁶ Ela produz, enfim, o efeito de feminino/masculino em corpos, comportamentos e relações sociais. Deste modo, trata-se de compreender as técnicas discursivas e não discursivas que possibilitaram produzir/reproduzir o gênero, ou seja, os efeitos de sentido que foram produzidos em corpos, comportamentos e relações sociais, como bem salienta Teresa de Lauretis.

“Mulher moderna”?



08 de março de 1913

As “mulheres modernas” que aparecem na *Fon-Fon* foram identificadas e significadas, como na charge acima, como preocupadas e ocupadas ape-

nas com os *flirts*, com futilidades e ligadas apenas à aparência e sua ostentação, tal como preferirem um passeio de carro às flores. Entretanto não eram apenas aquelas que transitavam pelas avenidas da cidade sozinhas, trajando a última moda, observando os outros, fazendo compras, passeando e sendo observadas pelos outros. Fotografadas “pela kodak” do periódico, eram objeto de esquadramento em diversas situações e espaços de sociabilidade, seja nos clubes, praticando *sports* ou nos bailes elegantes das altas rodas mundanas, enfim, em suas participações na/da vida social.

As formas como elas foram representadas na publicação podem ser equiparadas às que Tani Barlow e outras autoras encontraram para outros países a partir da pesquisa feita com propagandas de cosméticos e artigos de higiene. Segundo elas, a “*modern girl*” era identificada, principalmente, com jovens, que transgrediam os modelos convencionais, diferenciando-se dos modelos de mãe, esposa e filha obedientes.¹⁷ Deste modo, a “*modern girl*”, ou a “*mulher moderna*” tal como representada na *Fon-Fon*, estaria informada pelas representações que a identificavam com a ambigüidade da modernidade e a definiam a partir da ostentação das aparências, do corpo e da beleza.¹⁸ De fato, como podemos observar no texto da *Fon-Fon* de 30 de setembro de 1911, aparência, ostentação, consumismo, frivolidade são os traços destacados:

Na segunda-feira Mme. L... comprou um vestido, na terça um chapéu, na quarta um par de botinas, na quinta uma camisa de renda, na sexta um collete, no sabbado uma capa, mas no domingo não quiz sahir com o marido porque não tinha o que vestir.¹⁹

A moderna preocupação com o corpo, a beleza, a moda e sua ostentação era reafirmada nas matérias, funcionando ao mesmo tempo, como crítica restritiva e como estímulo. Tal contradição operava em dois flancos: naquele que continha excessos e no que impelia a eles, produzindo os assujeitamentos ao modelo e às modas. Nessa direção, a produção

¹⁷ BARLOW, Tani E. et.al. The Modern Girl around the World: a research agenda and preliminary findings. *Gender and History*, vol. 17, n° 2. August 2005, p.245.

¹⁸ Id., Ibid., p.249.

¹⁹ A ETERNA historia. *Fon-Fon*. Anno V, n.39, 30 de setembro de 1911.

²⁰ RAGO, Margareth. *Os prazeres da noite: prostituição e códigos de sexualidade feminina em São Paulo, 1890-1930*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991, p.63.

²¹ *Fon-Fon*. Anno IV, n. 03, 15 de janeiro de 1910.

²² TREPAÇÕES. *Fon-Fon*. Anno VI, n.13, 30 de março de 1912.

da “mulher moderna”, da “modern girl”, a jovem “sem nenhuma densidade, preocupada apenas com frivolidades”. Engendrava-se, assim, “a consumidora fútil, mais precisamente: a ‘melindrosa’”,²⁰ objeto de investimento da *Fon-Fon*:

Não raro nas nossas ruas, encontramos a figurinha esguia de uma moçoila de 13 ou 14 annos, apertada num destes longos colletes modernos e com as faces excessivamente pintadas. Muitas até usam bistre para aprofundar olheiras e poeiram-se de pó de arroz, grudado á gordura dos cremes. E lá vão ellas, na inconsciencia do papel deploravel que fazem, só pelo terrivel amor á exhibição.²¹

Segundo a revista, esse “amor á exhibição” ameaçava a maternidade, a natureza primeira, pois não se restringia à ostentação pura e simples do corpo e da moda, mas ampliava-se para os “flirts”, com as possibilidades neles contidas de sedução e descaminho moral e sexual. Significativamente, a *Fon-Fon* veiculava sua posição quanto ao namoro dessas “moçoilas”, dessas “melindrosas” ainda tão jovens:

*Ella já tem um namorado apezar dos seus desesete annos incompletos. Pudera! o namoro começa entre nós quando as meninas ainda brincam com as bonecas e os meninos enfiam a primeira calça comprida.(...) Mlle. ainda é muito ingenua, apezar de querer fingir sentimentos de gente grande!*²²

O namoro era visto como problemático para o periódico porque era o namoro de jovens “modernas”. Sob o pretexto da pouca idade, a revista investe na auto-vigilância e vigilância da família e da sociedade quanto ao comportamento social das jovens modernas, ainda desprovidas de maturidade para o casamento. Ensina a esse público que a modernidade não deveria envolver essa dimensão das relações sociais. Aí, a tradição deveria ser mantida. No argumento de uma suposta ingenuidade do sexo feminino, que responde pela sua idealização quanto aos relacionamentos entre casais,

a evidência da inferiorização do “belo sexo”, do “sexo frágil”. Tal como veiculado na coluna “Trepações”:

Mme. tem uma alma sonhadora demais. Esquece que esta vida não é só de sonhos e ilusões. Tanto que o destino, um capricho terrível, ligou-a para sempre, á existencia prática e trabalhosa daquelle excellente homem de negocios.

E Mme. queixa-se que elle é... pratico demais e não presta a minima attenção aos seus devaneios sentimentaes.²³

Reforça-se, deste modo, a representação dicotômica do masculino/feminino, em que se define o homem como “apolíneo e racional por oposição à mulher dionisíaca e instintiva, mais invadida que ele pela obscuridade, pelo inconsciente e pelo sonho”.²⁴ É visível como determinado tipo de mulher – que usava roupas provocativas, que sonhava com amores românticos e que se preocupava com a aparência desde muito cedo, que idealizava relações, que se impressionava facilmente –, teve sua imagem e subjetividade construída inclusive pela indústria do consumo, pela literatura e pela mídia.²⁵ Não por acaso, a *Fon-Fon* investe também no estabelecimento de limites no que concerne aos comportamentos sociais, particularmente os femininos. Investe nas mudanças, na “mulher moderna”, ao veicular modas, modos, produtos e espaços de circulação, e também nas tradições, ao disseminar padrões de conduta para homens e, sobretudo, mulheres.

Criou-se, assim, uma economia de gestos considerados adequados e pertinentes às mulheres, de esquadrinha de pequenos detalhes das ações e comportamentos sociais femininos, posta em funcionamento de modo a produzir a normatização da conduta feminina. Nesta, a maternidade, natureza primeira de toda mulher, não deveria ser sacrificada e esmaecida pela emancipação feminina, contaminada pelos “novos hábitos produzidos pelo progresso”.²⁶ Significativamente, a *Fon-Fon* estabelecia, por meio do sugestivo pseudônimo de Tia Lucrecia, quais os atributos indispensáveis a uma moça moderna:

²³ TREPAÇÕES. *Fon-Fon*. anno V, n.44, 04 de novembro de 1911.

²⁴ DELUMEAU, Jean. *História do medo no Ocidente: 1300 – 1800, uma cidade sitiada*. Trad. Maria Lucia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, p.311.

²⁵ BARLOW, Tani E. et.al. *Op.cit.*, p.245-246.

²⁶ Id., *Ibid.*, p.36.

²⁷ A VIDA Doméstica: a moça moderna. *Fon-Fon*. Anno II, n.42, 25 de janeiro de 1908.

²⁸ MUNIZ, Diva do Couto Gontijo. O tom do "Bomtom": os manuais de civilidade e a construção das diferenças. *Caderno Espaço Feminino*. Vol.09, n.10/11, 2001/2002, p.68.

²⁹ Id., Ibid.

Para uma senhorita estar de acordo com o Seculo que vivemos (...) e fazer figura na sociedade alanranjada (synonimo de selecta) é preciso que tenha os seguintes dotes physicos e intellectuaes:

Belleza, pelle fina, dentes claros, cabelo abundante, olhos grandes, nariz aquilino, mãos e pés pequenos; conhecimento de linguas diversas, de piano, de desenho. de arranjos de casas, de receitas de petiscos e doces, de costura e outras coisitas mais.

Com taes predicados é certo arranjar um bom casamento.

Entretanto, a moça moderna póde prescindir de todas essas prendas, ser feia, ter dentes estragados, pouquissimo cabelo, calçar botinas n.53 e de conhecimentos só saber distinguir que francez é italiano, desde que possua pelo menos quinhentos contos!²⁷

Em tal desenho, além dos atributos físicos, outros predicados eram valorizados no mercado matrimonial: saber tocar piano, domínio de outros idiomas, conhecimento de literatura e ainda conhecimentos específicos para os cuidados de um lar, como os arranjos, as receitas de petiscos e doces, de costura e outras "coisitas mais". Fora desse desenho, as possibilidades de casamento existiam para quem tivesse dote, tivesse posses, tivesse "quinhentos contos". Ou seja, bela e prendada ou feia, sem prendas e rica, eram estas as duas únicas possibilidades para as jovens no mercado matrimonial da época. Estar fora delas era ficar solteirona, era fugir do destino de toda mulher. Um destino ligado ao ventre, à maternidade, aos cuidados com a casa e com os outros.

Como assinala Diva Muniz, ser prendada era atributo cotado "no mercado matrimonial, ao lado do dote e da honra".²⁸ Além do aprendizado dos atributos que "as preparava para os cuidados com os filhos e a casa", também era necessário o aprendizado das maneiras de "comportar-se em público, de conviver de maneira polida, educada, recatada e distinta".²⁹ Práticas percebidas pela autora na sociedade mineira do século XIX, mas ainda muito presentes na sociedade brasileira no início do século XX e significadas como essenciais para um bom casamento.

O que parece-nos interessante ressaltar é a idéia que perpassa o artigo: a reafirmação do que seria o destino único e incontornável de todas as mulheres, ricas ou pobres, feias ou belas, prendadas ou não: o casamento. Todos os atributos considerados indispensáveis à “moça moderna” a encaminhariam para a realização de seu destino: “um bom casamento”. Um “destino social” determinado pelo seu “destino natural”, a maternidade. Como argumenta Cláudia Maia, as mulheres se encontravam aprisionadas pela família conjugal, que conseqüentemente levaria à maternidade biológica, “representação da ‘verdadeira mulher’, normal, completa e feliz”.³⁰

Daí porque, ainda adolescentes, as jovens tornavam-se objeto da constante vigilância social e, sobretudo, familiar, nesse contexto da modernização tecnológica material e dos costumes. O jornal compartilha do poder disciplinar de vigilância e auto-vigilância, ao alertar para os “perigos” da vida moderna e engrossar a fileira dos defensores da tradição no que concernia aos comportamentos femininos. Um dos recursos retóricos é o de contrapor o namoro antigo e o novo, para ressaltar os perigos desse.

Assim, segundo a revista, o namorado de outros tempos era “um tímido, um encolhido, tanto que para adorar o objecto do seu encanto collocava-se á distancia, n’uma esquina providencial”.³¹ O namoro, desse modo construído e identificado com certa tradição de um tempo pregresso, “no [sic] lindos tempos ingenuos, em que a cidade não tinha avenidas nem automoveis”,³² seria inofensivo, visto como simples, pueril, inocente. Um tipo de namoro muito diferente do praticado na modernidade, longe do olhar da família, nas salas do cinema sob “a protecção moderna da escuridão benéfica da sala de operações”.³³

Nesse benefício residia o perigo e a necessidade de controle, pois a escuridão da sala de operações permitia maior intimidade entre o casal, motivo de preocupação de pais e moralistas. Não por acaso, a seção “Guichet de Informações”, um espaço para sanar possíveis dúvidas e prestar informações valiosas aos seus leitores e leitoras acerca de temas diver-

³⁰ MAIA, Cláudia. *Corpos que escapam: as celibatárias*. In: STEVENS, Cristina Maria & SWAIN, Tânia Navarro (org.). *A construção dos corpos: perspectivas feministas*. Florianópolis: Editora Mulheres, 2008, p.52.

³¹ NAMORADOS. *Fon-Fon*. Anno IV, n.13, 26 de março de 1910.

³² Id., *Ibid.*

³³ Id., *Ibid.*

^{3 4} G U I C H E T d e
Informações. *Fon-Fon*.
Anno VII, n.02, 11 de
janeiro de 1913.

sos, no número de 11 de janeiro de 1912, responde a Mlle. Follete d'Amour sobre o tema namoro. A resposta é reveladora dos "cuidados com o namoro":

Pergunta-me V.Ex., no seu lindo bilhete perfumado se "é contra as leis da sociedade, os namorados se beijarem. Manchará isto a castidade de uma moça?"

No meu tempo, Mlle., a moral rija dos paes d'antanho, consideravam o beijo entre namorados, um crime, um solemníssimo attentado ao pudor.

E convenhamos, Mlle., que aquelles paes tinham razão.

Affinal de contas, que é o namorado?

Uma figura provisoria na estrada sentimental da vida. (Perdôe, Mlle. esta sentença temerária). Ou fica; consubstancia-se na formula agradável de um noivo, para dentro em pouco tornar-se um companheiro definitivo da vida; ou esgueira-se depois de saciada a sua triste satisfação de ter sido amado.

Neste caso (e são tantos) qual será o papel da namorada que, ingenua ou levemente, se deixar beijar pelo estróina?

Que ficaria elle pensando della que, numa simples excitação de namoro, consentir logo em dar-lhe uma das provas mais serias das grandes dedicações? No beijo feminino, Mlle., vae grande e perigosa dóse de intimidade, creia. Vae mesmo uma provocação bem pronunciada.

Não, Mlle., *Fon-Fon* é gaiato, é pilhérico, chega a ser mesmo irreverente, mas conhece bem a vida e jamais concorreria com o humor de um conselho, ou a *blague* de um comentário para transformar uma verdade que elle sente e observa, num simples passatempo inoffensivo.

Não, Mlle., *Fon-Fon* não pode estar do lado das namoradas que beijam os namorados. (...).³⁴

Embora invista na mudança, com seu tom "gaiato", "pilhérico" e "irreverente", no que tange aos comportamentos sociais, particularmente o feminino, a *Fon-Fon* é conservadora, moralista e tradicionalista. Sua posição é clara: ao lado das "tradições", do recato das donzelas, da interdição a qualquer manifestação da sexualidade, jamais "ao lado das na-

moradas que beijam os namorados”. No namoro, a responsabilidade de “conter os impulsos” caberia à namorada, segundo a velha tradição moralista e sexista, não obstante questionar e ironizar alguns comportamentos significados como antigos. Mesmo que o namoro tivesse transformado-se, era necessário, conforme ensinava o periódico, relembrar as suas leitoras que antigas fronteiras não deveriam ser ultrapassadas e muito menos estavam fora de moda. Particularmente as relativas aos comportamentos sexuais, para não incorrer no “crime”, no atentado “contra o pudor”. O matrimônio, “destino último e incontornável” de toda jovem, é posto em cena. Nesse caso, junto a outro elemento: o das “mulheres honestas” e casadoiras.

O casamento, objetivo, meta e finalidade de toda jovem, é reafirmado nas matérias da *Fon-Fon* como reforço ao comportamento tradicional e em oposição ao comportamento moderno das mulheres. Com efeito, a *Fon-Fon*, embora “irreverente” e “moderna”, também reforça essas distinções, prescrevendo e ensinando suas leitoras a se comportarem de maneira “honestas”, isto é, de acordo com os princípios morais até então vigentes. Que fossem modernas, mas não menosprezassem as regras e interdições interpostas aos comportamentos sociais e sexuais femininos. Caso contrário, afetariam seu destino social: um bom casamento. Afinal, definidas como “sexo frágil”, as mulheres deveriam ser “modernas”, sem colocar, porém, em risco o exercício de sua função primordial – reprodução de rebentos – e de seus papéis tradicionais – cuidados com os filhos, marido e a casa. Aceitava-se a liberação das “mulheres modernas”, mas estabelecia-se novas regras, como a da controlada convivência heterossexual no espaço público, a vigiada livre circulação pelo espaço público e a do diferenciado acesso ao exercício do trabalho remunerado. Não abria-se mão, contudo, das atribuições fundamentais, que permaneciam naturalizadas como “próprias” do “belo sexo”, bem como do padrão tradicional de conduta feminina.

As “mulheres modernas” da revista *Fon-Fon* tinham os limites de sua atuação e subjetivação demarcados no âmbito da domesticidade, demarcação

³⁵ MUNIZ, Diva do Couto Gontijo. Mulheres “modernas”, mulheres “perigosas”. *Revista Múltipla* (UPIS). v.14. 2006, p.125.

³⁶ BESSE, Susan. *Modernizando a d e s i g u a l d a d e*: reestruturação da ideologia de gênero no Brasil, 1914-1940. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1999, p.52-53.

³⁷ Idem. *Ibidem.*, p.53.

que evitaria tornarem-se “mulheres perigosas”, verdadeira ameaça à moral, aos bons costumes, à reprodução da espécie, à organização familiar. A revista participava, assim, do investimento discursivo normalizador do movimento modernizador, com vistas a conter o movimento de emancipação das mulheres. Trata-se de contexto em que, como assinala Diva Muniz, a visibilidade pública das mulheres no mundo do trabalho era movimento perigoso que

precisava ser contido, controlado e mesmo retrocedido, de modo a manter e/ou conduzir as mulheres à domesticidade de seus lares e aos papéis tradicionais de esposa, mãe, educadora dos filhos e administradora da casa. Enfim, mantê-las “resguardadas” dos perigos do “ambiente social moderno, com suas amplas ciências e licenciosidades”.³⁵

A “Arte de prender maridos”

A análise da *Fon-Fon* revelou-nos a permanência de uma tradição colonial, que conferia significação ao casamento como destino natural e, portanto, incontornável de toda mulher. Fora dele, a única possibilidade legitimada era outro tipo de casamento: com a Igreja, tornar-se religiosa. Ficar solteira, outra possibilidade de fugir àquele destino, era visto como fracasso e não como escolha e “raramente dava, às mulheres que o desejassem, a oportunidade de livrar-se dos papéis domésticos e da vida de família”,³⁶ e muito menos da vigilância e julgamento por sua situação de “mulher solteira”.³⁷ Na *Fon-Fon* não foi diferente. Em matéria veiculada em 09 de janeiro de 1909, o final feliz de toda mulher é lembrado e reafirmado, de modo a desacreditar toda e qualquer pretensão feminina de manter-se solteira e fugir de seu destino “natural”:

Quem te viu e quem te vê. Altiva com umas deliciosas independencias sociaes e umas finas comprehensões de vida independente, Mlle. parecia um exemplo justo de rebeldia às convenções da sociedade.

Não lhe conheciam namoros, nem “flirts”; em com-

pensação, apontavam-se-lhes amizades solidas e queridas.

Repelliu partidos considerados magníficos pelos paes e parentes. Não se casaria, pensavam todos, tanto mais quanto as largas posses paternas, permittam-lhe a desejada liberdade.

Foi-se passando o tempo e dizem intimos que, embora em manifestação precoce, na sua linda cabeleira negra, apontaram os tristes luzimentos dos primeiros fios brancos.

Mlle. que não é por ahí nenhum peixe pôdre, começou a sentir decidida vocação para... mãe de família. E muito breve, na Matriz da Candelaria, receberá por seu legitimo esposo, áquelle que ha tanto tempo a requestava e que fizera da diplomacia, o pouso do seu isolamento sentimental. E ambos casam-se por amor e por... necessidade de não envelhecerem... solteiros.³⁸

Como se vê, a revista investe na idéia de que seria inútil, desnecessária e desvantajosa qualquer ação de rebeldia ou recusa ao casamento, escapar ao destino assegurado pelas convenções sociais. O tempo se encarregaria de deixar isso evidente, já que seria um grande fracasso permanecer solteira. Até as mais independentes e rebeldes, que lutavam contra o casamento, visto como uma amarra à sua liberdade, cediam, finalmente, a este “destino”, como destacado pela *Fon-Fon*. Além de insistir em uma suposta complementaridade dos sexos, a publicação, em diálogo com o discurso médico-científico do período, constrói esses corpos celibatários como “negação da natureza feminina dentro dos parâmetros sociais da heterossexualidade e da maternidade que definem o ser mulher”.³⁹

A *Fon-Fon*, ao significar o casamento como destino último das mulheres e benefício maior a ser conquistado, participa da matriz discursiva que reafirma e naturaliza a ideia de que o corpo é “para as mulheres, o eixo de sua existência social”,⁴⁰ legitimadora dos papéis e funções sociais a elas atribuídos, como a reprodução, a maternidade, os cuidados com a casa, filhos, marido. Tal construção remete-nos ao conceito do dispositivo da sexualidade de Foucault, em que o sexo e a sexualidade tor-

³⁸ TREPAÇÕES. *Fon-Fon*. Anno III, n.02, 09 de janeiro de 1909.

³⁹ MAIA, Cláudia. op.cit., p. 51.

⁴⁰ SWAIN, Tânia Navarro. Entre a vida e a morte, o sexo. In: STEVENS, Cristina Maria & SWAIN, Tânia Navarro (orgs.). *A construção dos corpos: perspectivas feministas*. Florianópolis: Editora Mulheres, 2008, p.287.

⁴¹ FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. 19^a ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2009, p.160-161.

⁴² Id., *Ibid.*, p. 116-117.

⁴³ Id., *Ibid.*, p.139.

⁴⁴ Id., *Ibid.*, p.118.

⁴⁵ SWAIN, Tânia Navarro. *Entre a vida e a morte, o sexo*. *Op.cit.*, p.290.

naram-se razão de tudo, centro e chave da vida social. Por meio desse dispositivo, como afirma o filósofo, “os mecanismos do poder se dirigem ao corpo, à vida, ao que faz proliferar, ao que reforça a espécie, seu vigor, sua capacidade de dominar, ou sua aptidão para ser utilizada”.⁴¹ Para ele, a sexualidade não deve ser concebida como um “dado da natureza”. Antes disso,

A sexualidade é o nome que se pode dar a um dispositivo histórico: não à realidade subterrânea que se aprende com dificuldade, mas à grande rede da superfície em que a estimulação dos corpos, a intensificação dos prazeres, a incitação ao discurso, a formação dos conhecimentos, o reforço dos controles e das resistências, encadeiam-se uns aos outros, segundo algumas grandes estratégias de saber e de poder.⁴²

Nessa economia, a sexualidade é produzida por um “conjunto dos efeitos produzidos nos corpos, nos comportamentos, nas relações sociais, por um certo dispositivo pertencente a uma tecnologia política complexa”,⁴³ a partir daquelas técnicas, discursos e práticas que produzem a “verdade” do sexo, na tentativa de intensificar o corpo, valorizá-lo como objeto de saber e como “elemento nas relações de poder”.⁴⁴

Segundo Tânia Swain, devido a ação desse dispositivo, somos aprisionados/as em corpos sexuados, além de termos moldado o sexo e o desejo sexual “em torno e além da heterossexualidade reprodutiva”.⁴⁵ Na construção desta identidade atrelada ao corpo, por meio do dispositivo da sexualidade, também opera o que a referida autora nomeia de “dispositivo amoroso”. De acordo com a autora:

Nas fendas do dispositivo da sexualidade, as mulheres são “diferentes”, isto é, sua construção em práticas e representações sociais sofre a interferência de um outro dispositivo: *o dispositivo amoroso*. Poder-se ia seguir sua genealogia nos discursos – filosóficos, religiosos, científicos, das tradições, do senso comum – que instituem a imagem da “verdadeira mulher” e repetem incansavelmente suas qualidades e deveres: doce, amável, devota-

da (incapaz, fútil, irracional, todas iguais!) e, sobretudo, amorosa. Amorosa de seu marido, de seus filhos, de sua família, além de todo limite, de toda expressão de si.⁴⁶

⁴⁶ Id., *Ibid.*, p. 297.

⁴⁷ ARTE de prender maridos. *Fon-Fon*. Anno III, n.32, 07 de agosto de 1909.

É o funcionamento destes dispositivos que podemos observar nas páginas da revista *Fon-Fon*. Se o sexo compreende o eixo da vida social e o molde dos corpos e da identidade feminina, o amor é significado como a razão de ser e de viver das mulheres. Significativamente, a *Fon-Fon* investe na construção da imagem da “verdadeira mulher”, com suas qualidades e deveres. Dissemina mesmo uma “receita” da “arte de prender maridos”, qualidade da mulher perfeita, a mulher amorosa, que se despoja de si pelo amor do marido, filhos, família. Tudo em nome do amor.

Mas o que seria “a arte de prender maridos”? Segundo a revista não se trata de lição de moral, mas uma espécie de “cartilha cristã”, que ensinava suas leitoras a “prender maridos”, já que a preferência destes pelos “ares nocturnos do Passeio Público” era culpa delas:

Vós vos queixais, senhoras de vossos maridos, *sem causa provada*, preferem á vida repousada, honesta do lar, os ares nocturnos do Passeio Publico e perigosas adjacencias, incluindo o Concerto Avenida do estimavel Segreto. (...). Mas, respeitaveis e gentillissimas senhoras, a culpa é vossa, unicamente vossa.⁴⁷

Responsáveis pelo casamento, às esposas caberia fazer todo o possível – e impossível também – para que seus maridos encontrassem em casa um ambiente de mais pura tranqüilidade. Desse modo, como seres voltados para o exercício da doação e do amor aos outros, a felicidade do lar dependeria única e exclusivamente de suas habilidades, de sua “arte de prender maridos”. A “receita” da felicidade dos lares, dos maridos, filhos e, decorrentemente delas também, era a seguinte:

Quereis ser feliz? quereis ser uma esposa exemplar, digna da gratidão do vosso marido e do alto conceito da sociedade? Attendei. Em um alguidar, que se chama boa vontade, deite-se a melhor somma de paciencia

⁴⁸ PARA a mulher ser feliz.
Fon-Fon. Anno III, n.01,
01 de janeiro de 1909.

⁴⁹ Idem. *Ibidem*.

possível, junte-se-lhe toda a perseverança de que se disponha, mexa-se tudo muito bem até ficar uma pasta harmonica; depois adicione-se-lhe muito bom humor, um pouco de argúcia, e regular quantidade de fina condescendencia e leve-se ao fogo, escamando cuidadosamente a preguiça, o egoísmo, a indiferença, e guarde-se tudo em lugar que se o tenha à mão a todo instante. Assim está preparada a felicidade domestica.⁴⁸

Como se vê, a felicidade das mulheres, segundo a revista, dependeria, antes de mais nada, da felicidade dos outros. Para as casadas, seria uma decorrência da felicidade do marido, dos filhos, da família. O simples fato de o companheiro por ela ter gratidão a tornaria feliz. Assim, a *Fon-Fon* opera na construção da imagem da "verdadeira mulher", a que vive em função dos outros, que pratica a renúncia de si em função do outro. Além dos atributos acima apresentados – paciência, perseverança, argúcia, condescendência, bom humor, atenção, disposição – , característicos de uma boa dona-de-casa, também seria necessário que as esposas se portassem como "rainha do lar". Em outras palavras, era necessário que também se apresentassem sempre elegantes, como recompensa ao marido que chega a casa, após um longo e extenuante dia de trabalho, para que encontrasse em seu lar os mesmos atrativos buscados na rua. Caso contrário,

Que vêdes? Com franqueza dissei-m'ô: que vêdes? Uma... uma... é de supôr que mulher, porque veste saias. Mas, será realmente uma mulher? Pelo sexo, afirma-se positivamente: é. Não ha duvida. Mas, esta palavra – mulher – resume tudo. Representa o ser do sexo opposto ao masculino, é a companheira integralisadora do homem, é a sua parte affectiva, a collaboradora da sua obra de reprodução da especie, é a sua aspiração natural, a sua poesia, o seu encanto, o seu consolo moral.

Sendo tudo isso, e mais alguma cousa, ella deve manter a sua proporção intrínseca, quero dizer, deve respeitar a sua razão intima, a sua razão de ser. De acordo com os meios, habitos e classes, ella tem deveres imprescindíveis.⁴⁹

O ser prendada incluía também a dimensão de “companheira integralisadora” que complementa o homem. Assim, além dos deveres mais domésticos, também os cuidados com a estética, com a aparência. Esse é aspecto ressaltado na *Fon-Fon* para que as leitoras, de fato, possam “prender” maridos, agradá-los sempre. Isto porque, como destaca o cronista,

A senhora que pretende prender o marido, deve compreender que em casa é que elle tem de a encontrar moça, elegante, distincta, seductora. É imprescindível que elle a encontre com os attractivos que percebeu em outras, na sua passagem pela rua E como a variedade é um principio do deleite, convem que as senhoras saibam ser sempre *novas*, sempre attrahentes, sempre fascinadoras.⁵⁰

Portanto, a “arte” consistia em um verdadeiro exercício de contorcionista: boa dona de casa, boa cuidadora dos filhos, boa companheira e companhia e, além disso, “elegante, distincta, seductora”. A revista ensina que muito tempo deve ser despendido por suas leitoras para esses cuidados com a aparência, mas, garante: “mantereis o amor dos vossos maridos. E, crede, isso é tudo”.⁵¹ São cuidados necessários porque, como a revista chama a atenção, “esses caprichosos bichos domésticos que as senhoras chamam maridos são mais voluveis que os gatos”.⁵²

Pensar, agir e viver em função do outro. Eis o que a *Fon-Fon* defende, ensinando às suas “gentilíssimas leitoras”, as artimanhas da sedução. Mas trata-se de seduzir os maridos sem, contudo, transgredir os padrões de moralidade. Ou seja, ser “voluptuosa sem ser indecente, como falla ao instinto sem desrespeitar a dignidade dos sentimentos”.⁵³ Nesse jogo de sedução, a importância do vestuário é ressaltada por Gilda de Mello e Souza. Como ela sugere, uma vez que no século XIX a única possibilidade de realização das mulheres estava presente no casamento e a elas não era permitida a iniciativa na escolha de seu parceiro, desenvolve-se, entre o “grupo feminino”

⁵⁰ ARTE de prender maridos. *Fon-Fon*. Anno III, n.34, 21 de agosto de 1909.

⁵¹ ARTE de prender maridos. *Fon-Fon*. Anno III, n.33, 14 de agosto de 1909.

⁵² Id., Ibid.

⁵³ Id., Ibid.

⁵⁴ SOUZA, Gilda de Mello e.

O espírito das roupas: a moda no século XIX. São Paulo: Companhia das Letras, 1987, p.92.

⁵⁵ Id., Ibid. p.93.

⁵⁶ SWAIN, Tânia Navarro. *Entre a vida e a morte o sexo.* op.cit., p.297.

⁵⁷ Id., Ibid., p.298.

⁵⁸ CAULFIELD, Sueann. *Em defesa da honra: moralidade, modernidade e nação no Rio de Janeiro (1918-1940).* Campinas: Editora da UNICAMP, Centro de Pesquisa em História Social da Cultura, 2000, p.109 - 110.

⁵⁹ BESSE, Susan. op.cit. p.63.

⁶⁰ RAGO, Luzia Margareth. *Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar: Brasil 1890-1930.* Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985, p.63.

uma curiosa técnica de avanços e recuos, de entregas parciais, um se dar se negando, que é a essência da *coquetterie*. A necessidade de agradar levou-a a empregar "todos os recursos possíveis, desde os mais sutis estímulos espirituais até as mais insistentes exhibições".

⁵⁴

Nesse jogo de "esconde-esconde", a roupa tem um papel de destaque. Afinal, tratava-se de salientar, chamar a atenção "para cada parte do corpo, mantendo o instinto sexual sempre acessado (...)",⁵⁵ mas dentro dos limites. A arte de se vestir e se adornar é realizada em favor do olhar do outro, daquele que se pretende conquistar. Como sublinha Tânia Swain, no nosso imaginário social, o "amor está para as mulheres o que o sexo está para os homens", corpos que se sacrificam "em razão do amor de outrem".⁵⁶ Desse modo, o dispositivo amoroso de que nos fala a autora

cria mulheres e, além disto, dobra seus corpos às injunções da beleza e da sedução, guia seus pensamentos, seus comportamentos na busca de um amor ideal, feito de trocas e emoções, de partilha e cumplicidade. A sexualidade às vezes é até acessória.⁵⁷

Na "arte de prender maridos", todo um ideal de vida que, no caso das mulheres, se resumia a viver pelos outros e para os outros, para a manutenção do casamento e da família. Observa-se como, na revista, a modernidade deveria estar intimamente ligada à defesa da família e da honra,⁵⁸ da maternidade e dos papéis sociais de gênero. Não por acaso, o "o triunfo da civilização e do progresso" na esfera pública dependia da "salvação" da família".⁵⁹ A conquista do espaço urbano, portanto, não pode ser traduzida como um relaxamento nas exigências morais. Pelo contrário,

quanto mais ela escapa da esfera privada da vida doméstica, tanto mais a sociedade burguesa lança sobre seus ombros o anátema do pecado, o sentimento de culpa diante do abandono do lar, dos filhos carentes, do marido extenuado pelas longas horas de trabalho.⁶⁰

Tal ênfase naqueles valores e instituições aponta-nos para seu extremo oposto. Naquele contexto, eram muitas as mulheres que criticavam o casamento, como apontado por Susan Besse. De acordo com a autora, de 1910 a 1940, foram vários os debates, não só entre os homens, mas também entre mulheres acerca da necessidade (ou não) de uma reforma da instituição do casamento. Por isso, “devido ao descontentamento das mulheres, as relações marido-esposa tinham que ser modernizadas, adquirindo pelo menos uma aparência superficial de igualdade e reciprocidade”. Com os questionamentos, substitui-se a lógica das uniões por interesses econômicos ou restrições sociais por um ideal baseado no companheirismo, no amor. Somente isso, para muitos intelectuais da época, seria garantia para casamentos estáveis.⁶¹

⁶¹ BESSE, Susan. op.cit., p.65.

⁶² Id., Ibid., p.42.

O que é importante salientar é que o grande problema relacionado ao casamento estava no fato de que, aos poucos, o mesmo já não podia mais ser considerado como única opção de vida para as mulheres. Susan Besse destaca que:

o que tornou os casamentos baseados no interesse ou na conveniência (e não no “verdadeiro amor”) inaceitáveis pela sociedade do pós-guerra foi sua instabilidade em face das opções sociais e econômicas em expansão ao dispor das mulheres. A irritação das mulheres quanto às relações conjugais assustava não porque fosse nova (sempre houve descontentamento feminino), mas por parecer tão generalizada e tão difícil de conter (...).⁶²

Se o casamento não se apresentava, sobretudo a muitas mulheres, como a única opção, apesar de muitos ainda o considerarem como tal, era preciso salientar suas vantagens, benefícios e ressaltar as estratégias que garantiriam o seu sucesso, assunto de que a *Fon-Fon* se incumbia.

Por outro lado, em sua modernidade, a *Fon-Fon* divulgava as novidades, uma delas, a separação conjugal:

(...) parece que a separação conjugal é hoje uma nota *smart* de grande aceitação.

É o que te digo.

⁶³ BILHETES á Cora. *Fon-Fon*. Anno III, n.21, 22 de maio de 1909.

⁶⁴ RAGO, Margareth. *Os prazeres da noite*. op.cit., p.142.

⁶⁵ Id., *Ibid.*, p.143.

⁶⁶ Id., *Ibid.*, p.145.

Só se ouve fallar em casaes que se separam, em divorcios em andamento, em separações, o diabo.

Ora, tu sabes, que eu me tenho em conta de um civilisado, e no meu entender, todos esses divorcios são obra exclusiva na nossa retumbante Civilisação.(...).

E eu que sou da moda, que tenho mesmo certa cotação na roda chic, que frequento as *prémières*, que já vi a Viuva Alegre, tenho um phonographo, que pretendo ir á inauguração do Municipal e reencetar o curso das quartas-feiras, que frequento as soirées da moda dos cinemas, que chamo os cinemas de *cimas*, e os automoveis de auto, eu que tenho todas estas qualidades ornamentaes de modernismo, eu se fosse casado, separava, só para dar a nota (...). ⁶³

Se tentador para o sexo masculino, para as mulheres, a posição da revista era, porém, justamente o contrário. Assim, a revista investe discursivamente nos benefícios do casamento, pois as mulheres, consideradas mais sensíveis e frágeis às exigências da moda, seriam as prejudicadas, pois as primeiras a aderir a tal "nota smart".

Além do perigo do divórcio, outra ameaça à estabilidade e harmonia das famílias, de acordo com a *Fon-Fon*, seria o adultério. Como destaca Margareth Rago, por meio do discurso médico, sugere-se que além da inferioridade biológica das mulheres, haveria em cada uma delas "a existência ameaçadora de uma prostituta".⁶⁴ De acordo com a autora, é evidente nesses argumentos, a lógica da "vulnerabilidade da mulher, suscetível tanto de ser seduzida pelas táticas masculinas, quanto pela própria excitação resultante da agitada vida social da cidade grande".⁶⁵ Assim, os hábitos e comportamentos ditos como modernos, como os contatos frequentes possibilitados pelo convívio heterossexual nas rodas sociais, clubes, avenidas, enfim, no espaço público, seriam um perigo às mulheres solteiras e casadas, e sobretudo para as famílias, com a dissolução dos costumes.

Tal perigo precisava ser contido. Médicos e juristas, no final do século XIX e no decorrer do século XX, prescreviam que como "as mulheres em geral

possuíam um físico débil e um temperamento frágil”, “deveriam estar mais sujeitas à vigilância do que os homens”.⁶⁶ Integrando tal matriz discursiva, a *Fon-Fon* procura evidenciar essa dependência e necessidade de vigilância, fundadores da teoria da fraqueza do “belo sexo”, como na coluna que se segue:

⁶⁷ NOTA Indiscreta. *Fon-Fon*. Anno VI, n.09, 02 de março de 1912.

Ella é o que se chama de um *peixão*. E coincidência curiosa, é uma eximia nadadora. (...).

Mas vamos ao facto.

Ella é casada, ou antes, era. Separou-se do marido por causa de um diplomata que lhe cahiu no gosto. O idyllo começou no banho de mar e acabou num chaletsinho escondido sob florida trepadeira, em bairro affastado.

Quando digo acabou, digo bem, porque no fim de um mez e pouco ella achou o diplomata inferior ao marido (em que, não se sabe) e tratou de voltar para a companhia do esposo que alias, como profundo philosopho, passou uma esponja sobre o passado.

Ha dias *ella* tomava banho, de manhã cedo no lugar de costume e um banhista ao corrente do que se dera, disse-me ao ouvido:

- *Ella* gaba-se de ser de um aceio unico, tomando tres a quatro banhos por dia. Isto é quanto ao aceio physico. Mas, diz-me cá uma cousa, quantos banhos teria ella que tomar para lavar a nodoa moral?

Por acaso, notei então que *ella*, dentro d’agua (no seu elemento, como ela diz) flirtava com um sujeito extraordinariamente louro.

E convenci-me que na sua vida ha dois elementos que se contrabalançam, a agua e... o fogo.⁶⁷

No artigo, assim como em vários outros da *Fon-Fon*, insiste-se na idéia de inconstância, volubilidade, instabilidades das mulheres, o que justificaria a exigência imposta a elas de maior vigilância de pais, irmãos e maridos. Aqueles significados são reforçados pelas imagens de “eternas degeneradas”, “pecadoras natas”, em razão de sua biologia, da tendência natural para o erro. Os malefícios dessa “tendência” são ressaltados nos artigos da *Fon-Fon*, de modo a construir a imagem “desviante” e “perigosa” da mulher moderna e, sobretudo, a punição a que faz jus:

⁶⁸ TREPAÇÕES. *Fon-Fon*. Anno III, n.19, 08 de maio de 1909.

⁶⁹ RAGO, Margareth. *Os prazeres da noite*. op.cit. p.146.

Isto foi á um anno.

Encontraram-se na elegancia de uma recepção mundana. Elle voltara das civilizações européas, com o conhecimento completo da sciencia do *flirt*. Ella na apothese dos seus trinta annos loiros e sadios deixara-se seduzir pelo encanto suave daquella palestra. E estabececeu-se logo a delicia de um *flirt*, que foi aos poucos tomando as proporções inesperadas de uma paixão violenta... da parte della.

Isto foi á um anno. Sem escandalo, sem fallatorios, ella deixou a casa farta e chic do marido e azulou com elle. O marido acceitou o facto consumado e começou a fazer vida nocturna em clubs e theatros. Dos dois ninguem mais fallou...

Vimol-a hontem, por acaso, em uma rua de arrabalde, lá para os lados da Tijuca, onde ficava a sua residencia. Santo Deus! Que ruina! Que descalabro! E era tão linda. Elle, mezes depois, farto e satisfeito pela realização do seu capricho, abandonara-a em uma pequena casa modesta dos subúrbios.

Que ruina.⁶⁸

Deve-se destacar que, como nos lembra Margareth Rago, esses discursos que propunham um maior controle sobre as mulheres se tornam mais recorrentes em um momento em que elas passaram "a participar mais intensamente no âmbito da vida pública, batalhando para ingressar no mercado de trabalho, assim como para ter reconhecidos seus direitos de cidadania".⁶⁹

Uma política de construção dos sujeitos

Compreender as formas como o feminino fora construído e significado nos primeiros anos do século XX pela revista *Fon-Fon* significa compreender o caráter político destas construções durante a *Belle Époque* carioca. Em um momento em que se pensava a situação do país e sua inserção nos quadros das ditas nações "civilizadas", pensar o espaço dos sujeitos e a posição dos papéis sociais significava, também, compreender as possibilidades e limites da vida moderna para ambos os sexos. As repre-

sentações do gênero, em especial a construção do que seria feminino indicam as tensões, prescrições e ambigüidades que marcaram a sociedade deste período em que era debatida a necessidade de inserir o país na ordem mundial civilizada e moderna e, ao mesmo tempo, preservar algumas das tradições vistas como alicerces da sociedade, dentre elas, a maternidade e a domesticidade femininas.

Com efeito, percebemos que, mais do que preservar e valorizar quais seriam os modernos e emancipados modos femininos de vestir-se e comportar-se, a revista “procurava também instaurar linhas de demarcação sexual definidoras dos papéis sociais”, ao enfatizar o perigo representado pelas mudanças erigidas pela modernidade e a necessidade de controlar os comportamentos sociais. As imagens veiculadas pelos cronistas cumprem a função pedagógica de ensinar aos leitores e leitoras as demarcações de cada um dos sexos. Não por acaso, as leitoras têm seus comportamentos questionados a todo o momento e são aconselhadas insistentemente a tomar atitudes pertinentes com sua “condição de mulher”.

Fonte e Referências

Fon-Fon. 1907-1914. Disponível em: www.bn.br

ARRUDA, Ângela. Teoria das representações sociais e teorias de gênero. *Cadernos de Pesquisa*, n.17, novembro de 2002.

BARLOW, Tani E. et.al. The Modern Girl around the World: a research agenda and preliminary findings. *Gender and History*, vol. 17, n° 2. August 2005.

BESSE, Susan. *Modernizando a desigualdade: reestruturação da ideologia de gênero no Brasil, 1914-1940*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1999.

BUTLER, Judith. *Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade*. 2ªed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

BROCA, Brito. *A vida literária no Brasil – 1900*. 4ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio: Academia Brasileira de Letras,

2004.

CAULFIELD, Sueann. *Em defesa da honra: moralidade, modernidade e nação no Rio de Janeiro (1918-1940)*. Campinas: Editora da UNICAMP, Centro de Pesquisa em História Social da Cultura, 2000.

DELUMEAU, Jean. *História do medo no Ocidente: 1300–1800, uma cidade sitiada*. Trad. Maria Lucia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. 19ª ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2009.

LAURETIS, Teresa de. A tecnologia de gênero. In: HOLANDA, Heloisa B. de (org.). *Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 2004.

LUCA, Tânia Regina de. *A Revista do Brasil: um diagnóstico para a (N)ação*. São Paulo: Editora da UNESP, 1999.

_____. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla B. (org.). *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, 2004.

MAIA, Cláudia. Corpos que escapam: as celibatárias. In: STEVENS, Cristina Maria & SWAIN, Tânia Navarro (org.). *A construção dos corpos: perspectivas feministas*. Florianópolis: Editora Mulheres, 2008.

MUNIZ, Diva do Couto Gontijo. O tom do “Bom-tom”: os manuais de civilidade e a construção das diferenças. *Caderno Espaço Feminino*. Vol.09, n.10/11, 2001/2002.

_____. Mulheres “modernas”, mulheres “perigosas”. *evista Múltipla* (UPIS). v.14. 2006.

RAGO, Luzia Margareth. *Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar: Brasil 1890-1930*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

_____. *Os prazeres da noite: prostituição e códigos de sexualidade feminina em São Paulo, 1890-1930*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação e Realidade*, Porto Alegre, v. 16, n. 2, p.

5-22, jul./dez., 1990.

SOUZA, Gilda de Mello e. O espírito das roupas: a moda no século XIX. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

SWAIN, Tânia navarro. Feminismo e representações sociais: a invenção das mulheres nas revistas “femininas”. *História: Questões e Debates*, Curitiba: Editora da UFPR. n.34, 2001.

_____. Entre a vida e a morte, o sexo. In: STEVENS, Cristina Maria & SWAIN, Tânia Navarro (org.). *A construção dos corpos: perspectivas feministas*. Florianópolis: Editora Mulheres, 2008.

VELLOSO, Mônica Pimenta. As modernas sensibilidades brasileiras. *Nuevo Mundo Mundos Nuevos* [Em línea], Debates, 2006, Puesto en línea el 28 janvier 2006. URL: <http://nuevomundo.revues.org/index1500.html>

ZANON, Maria Cecilia. *Fon-Fon!* - Um registro da vida mundana do Rio de Janeiro na *belle époque*. *Patrimônio e Memória*. UNESP-FCLAs-CEDAP, v.1, n.2. 2005.